



## Edmond Safra , o banqueiro retratado como uma mistura de Warren Buffett, Rothschild e Schindler

Lançado no Brasil, o livro “A jornada de um banqueiro” tem contornos de fábula ao mostrar como Edmond Safra construiu seu império global

Safra , o banqueiro retratado como uma mistura de Warren Buffett, Rothschild e Schindler" id="28b9b13f">

Edmond Safra com talento precoce para os negócios: vivendo em hotéis e representando o banco do pai (Genebra-1948)

Em árabe, “safra” significa amarelo, ou dourado; como o ouro comercializado pela família de onde saiu Edmond Safra , que o ex-presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, chamou de “o maior banqueiro de sua geração”.

Morto em um incêndio criminoso provocado pelo próprio enfermeiro em 1999, Edmond é ainda hoje lembrado como figura lendária do mundo financeiro – e, com sua mulher, Lily, do mundo das artes e da filantropia. Sua história, narrada no recém-lançado em português “A Jornada de um Banqueiro” tem contornos de fábula.

Acostumado desde os oito anos a acompanhar o pai, Jacob, nos contatos com clientes, Edmond foi enviado por ele, aos 15 anos de idade, de Alepo, na Síria, a Milão, na Itália, para prospectar oportunidades. Edmond baseou seu sucesso no talento precoce para os negócios e na extensa experiência com arbitragens financeiras e transações cautelosas por variados mercados turbulentos.

Profundamente religioso, andava com amuletos nos bolsos, negava-se a assumir compromissos em dias sagrados e escolhia datas e valores muitas vezes por seu significado místico.

Lançado pela editora Best Business (grupo Record) e com tradução de Alessandra Bonruquer, o livro tem como subtítulo “Como Edmond Safra construiu seu império global”, e foi escrito pelo jornalista econômico Daniel Gross.

“Como no império britânico, o sol nunca se põe na família Safra de bancos”, cita Gross, ao descrever as realizações superlativas de seu biografado e sua pioneira atuação globalizada, operando entre culturas e mercados, dominando seis línguas e com casas espalhadas por vários países.

“Ele nasceu e foi criado na estufa cosmopolita de Beirute, em um mundo de redes comerciais e financeiras que se estendia de leste a oeste”, descreve Gross, ao mostrar, com exemplos da vida de Edmond, a importância de ter uma mente aberta a diversas culturas e ambientes de negócio – e, baseando-se em uma maneira cordial e personalista de tratar parceiros potenciais ou funcionários, alimentar uma rede de contatos nos mais variados ambientes.





Edmond e Lilly **Safra** com Gorbachov, em 1993, em Cambrige: aposta no mercado emergente da Rússia

Seja com ouro ou prata, matérias-primas ou transportes de cédulas, Edmond tinha um talento especial para identificar oportunidades. “Era excelente em se infiltrar nas falhas tectônicas do comércio global, trabalhando nos veios entre impérios destruídos, potências decadentes e regimes regulatórios em mutação”, diz Gross.

Gross intercala o relato dessa infiltração com descrições das crises mundiais que influíram no destino de seu biografado, a primeira delas no Oriente Médio, de onde saiu a família **Safra**, que, após a migração bem-sucedida da irmã mais velha de Edmond, Eveline, para a Argentina, decidiu refugiar-se da turbulenta Síria do pós-Segunda Guerra. Nos anos 1950, foram buscar abrigo no Brasil, um dos poucos países promissores disposto a aceitar levas de judeus emigrantes em busca de porto seguro.

Para consolidar seus negócios financeiros e montar banco no Brasil, Edmond e seus irmãos Joseph e Moïse conseguiram cidadania brasileira – da qual Edmond renunciaria poucos meses antes de morrer, após vender seus bancos para o HSBC, para naturalizar-se cidadão de Mônaco, país com fama de “paraíso fiscal” por não cobrar imposto de renda de seus habitantes.



Republic National Bank, em Nova York

A narrativa protagonizada por Edmond **Safra** mostra um personagem que não se encaixa bem no modelo preconizado pelos clássicos manuais de gerenciamento financeiro. Lições seculares dos mercadores e financistas do Oriente Médio encontravam seguidor fiel em Edmond **Safra**, que mostrava pouco respeito a organogramas; começou sua carreira de banqueiro com instituições onde a informalidade (aliada ao zelo pela elegância pessoal) era comum; e tinha alta conta por conceitos como “honra” e “amizade”.

Nem sempre essa falta de apreço às normas clássicas de administração trazia vantagens: o livro mostra como o banco de Edmond em Nova York, o Republic National, demorou a reagir a pelo menos uma crise importante, esperando instruções do dono, enquanto operadores de **Safra** em outros países, mais acostumados à delegação de poderes, descartavam mais rapidamente ativos problemáticos.

Edmond considerava essencial olhar diretamente nos olhos dos futuros clientes ou sócios, e dava valor de contrato à palavra empenhada. Fiel aos preceitos do pai por



toda a vida, o banqueiro de certa forma incorporava algumas atitudes hoje defendidas pelos que propõem um capitalismo voltado aos interesses dos “stakeholders”, a comunidade e indivíduos com interesses afetados pelos negócios.

Na descrição de momentos-chave na rede de bancos montada por Edmond, Gross mostra exemplos de decisões incomuns tomadas com base no que o banqueiro considerava ser sua responsabilidade frente aos clientes, aos funcionários, ou à comunidade judaica a qual pertenceu.

A figura do outsider sempre esteve na consciência de Edmond, que, na crise financeira dos anos 80, sem confiar no socorro estatal, minimizou os efeitos das moratórias dos países emergentes vendendo seu banco suíço ao American Express.

A transação, porém tornou-se um pesadelo para o banqueiro. Gross descreve como, após desentendimentos entre os envolvidos, **Safra** foi alvo de uma campanha de difamação alimentada clandestinamente por funcionários do American Express, que incluiu notícias “plantadas” em jornais por todo o mundo, envolvendo seu nome em acusações mentirosas de lavagem de dinheiro, tráfico e até de envolvimento com o escândalo Irã-contras (escândalo de venda clandestina de armas ao Irã com o uso dos recursos para financiar a oposição armada na Nicarágua).

**Safra** -praca-Amsterdam-1993.jpg" alt="" width="860" height="484" id="5ef7fe35">

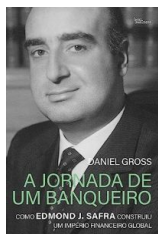
Lilly e Edmond **Safra**, na inauguração da Praça **Safra**, em Amsterdã: filantropia

Nos anos 90, sem filhos nem interesse dos irmãos em assumir a frente de seus negócios, debilitado pelo mal de Parkinson, ele decidiu vender seus bancos ao HSBC, outro episódio com surpreendentes idas e voltas contadas em detalhe no livro.

Gross não esconde sua simpatia pelo biografado, que define como um “um herói e um ícone da comunidade judaica síria — uma espécie de Warren Buffett, Rothschild e Schindler (*o benemérito*) misturados em uma única pessoa.”

Ele teve apoio próximo da família para escrever sua obra, baseada em documentos e entrevistas fornecidos pela instituição dedicada à memória do banqueiro que raramente dava entrevista e, apesar de oferecer festas luxuosas, era muito discreto em relação a detalhes pessoais.

A obra, com alentadas 392 páginas, é uma leitura que se justifica pela saborosa linguagem jornalística e a riqueza do personagem – dificilmente um modelo a ser seguido, por suas características e história pessoal inimitável, mas certamente uma fonte de boas lições. Uma delas, com fartos exemplos, é o apego dos **Safra** à filantropia e às artes, com evidentes retornos para as comunidades onde atuaram.



Capa do livro

**Serviço:**

"A jornada de um banqueiro"

Daniel Gross

392 páginas

impresso: R\$70

Editora Best Business

# NEOFEED

## **Edmond Safra, a banker depicted as a crossover of Warren Buffet, Rotschild and Schindler**

*Launched in Brazil, the book "The journey of a banker" has the contours of a fable when it shows how Edmond Safra built his global empire*

Edmond Safra with precocious talent for business: living in hotels and representing his father's bank (Geneva-1948)

In Arabic, "safra" means yellow, or golden; like the gold traded by the family that spawned Edmond Safra, who former World Bank President James Wolfensohn called "the greatest banker of his generation".

Killed in an arson attack caused by his own nurse in 1999, Edmond is still remembered today as a legendary figure in the financial world - and, with his wife, Lily, in the world of arts and philanthropy. His story, narrated in the recently released Portuguese version of "A Jornada de um Banqueiro" has the contours of a fable.

Accustomed since the age of eight to accompanying his father, Jacob, in contacts with clients, Edmond was sent by him, at the age of 15, from Aleppo, Syria, to Milan, Italy, to prospect opportunities. Edmond based his success on a precocious business talent and extensive experience with financial arbitrage and cautious transactions in a variety of turbulent markets.

Profoundly religious, he carried amulets in his pockets, refused to make commitments on holy days and often chose dates and values for their mystical meaning.

Published by Best Business (Record group) and translated by Alessandra Bonrruquer, the subtitle of the book is "How Edmond Safra built his global empire", and was written by economic journalist Daniel Gross.

"As in the British Empire, the sun never sets on the Safra family of banks", quotes Gross, when describing the superlative achievements of his biographer and his pioneering globalized performance, operating across cultures and markets, mastering six languages and with houses spread across several countries.

"He was born and raised in the cosmopolitan hothouse of Beirut, in a world of commercial and financial networks that stretched from east to west", describes Gross, showing, with examples from Edmond's life, the importance of having an open mind to diverse cultures and business environments - and, based on a cordial and personal way of treating potential partners or employees, feeding a network of contacts in the most varied environments.

Edmond and Lilly Safra with Gorbachov, in 1993, in Cambridge: bet on the emerging market of Russia

Whether with gold or silver, raw materials or banknote transport, Edmond had a knack for spotting opportunities. "It excelled at weaving through the tectonic fault lines of global trade, working in the veins between crumbling empires, fading powers and changing regulatory regimes," says Gross.

Gross interweaves the account of this infiltration with descriptions of the world crises that influenced the fate of his biographer, the first of which

# NEOFEED

was in the Middle East, from which the Safra family emerged, which, after the successful migration of Edmond's older sister, Eveline, to Argentina, he decided to take refuge from the turbulent post-World War II Syria. In the 1950s, they sought shelter in Brazil, one of the few promising countries willing to accept waves of Jewish emigrants in search of a safe haven.

In order to consolidate his financial business and set up a bank in Brazil, Edmond and his brothers Joseph and Moïse obtained Brazilian citizenship - which Edmond would renounce a few months before his death, after selling his banks to HSBC, to become a naturalized citizen of Monaco, a country with reputation of a "tax haven" for not charging income tax to its inhabitants.

## Republic National Bank in New York

The narrative starring Edmond Safra shows a character that does not fit well with the model advocated by classic financial management manuals. Secular lessons from Middle Eastern merchants and financiers found a faithful following in Edmond Safra, who showed little respect for organization charts; he began his banking career with institutions where informality (allied with a zeal for personal elegance) was common; and had a high regard for such concepts as "honor" and "friendship."

This lack of appreciation for classic management norms did not always bring advantages: the book shows how Edmond's bank in New York, Republic National, was slow to react to at least one major crisis, waiting for instructions from the owner, while Safra's operators in other countries, more used to delegating powers, discarded problematic assets more quickly.

Edmond considered it essential to look prospective clients or partners straight in the eye, and he valued a pledged word as a contract. Faithful to his father's precepts throughout his life, the banker in a way incorporated some attitudes defended today by those who propose a capitalism focused on the interests of "stakeholders", the community and individuals with interests affected by business.

In the description of key moments in Edmond's network of banks, Gross shows examples of unusual decisions taken based on what the banker considered to be his responsibility towards customers, employees, or the Jewish community to which he belonged.

The figure of the outsider was always in Edmond's conscience, who, in the financial crisis of the 1980s, without relying on state aid, minimized the effects of defaults in emerging countries by selling his Swiss bank to American Express.

The transaction, however, became a nightmare for the banker. Gross describes how, after disagreements between those involved, Safra was the target of a smear campaign clandestinely fueled by American Express employees, which included news "planted" in newspapers around the world, involving his name in lying accusations of money laundering, trafficking and even involvement with the Iran-contra scandal (scandal of clandestine arms sales to Iran with the use of resources to finance the armed opposition in Nicaragua).

Lilly and Edmond Safra at the inauguration of Safra Square in Amsterdam: philanthropy

# NEOFEEED

In the 1990s, with no children and no interest from his brothers in taking over his business, weakened by Parkinson's disease, he decided to sell his banks to HSBC, another episode with surprising ups and downs recounted in detail in the book.

Gross does not hide his sympathy for the biographer, who he defines as "a hero and an icon of the Syrian Jewish community – a kind of Warren Buffett, Rothschild and Schindler (the benefactor) mixed in a single person."

He had close support from his family to write his work, based on documents and interviews provided by the institution dedicated to the memory of the banker who rarely gave an interview and, despite hosting luxurious parties, was very discreet in relation to personal details.

The work, with a hefty 392 pages, is a read that is justified by the tasty journalistic language and the richness of the character – hardly a model to be followed, due to his characteristics and inimitable personal history, but certainly a source of good lessons. One of them, with plenty of examples, is the Safra attachment to philanthropy and the arts, with clear returns to the communities where they operated.

Book cover

Service:

"A Banker's Journey"

Daniel Gross

392 pages

printed: BRL 70

Best Business Publisher



<https://neofeed.com.br/finde/edmond-safra-o-banqueiro-retratado-como-uma-mistura-de-warren-buffett-rothschild-e-schindler/>